



## Análise do perfil epidemiológico de mulheres submetidas a histerectomia para tratamento de lesões do colo uterino no Estado do Maranhão entre 2018 e 2023

Analysis of the epidemiological profile of women who underwent hysterectomy to treat cervical injuries in the State of Maranhão between 2018 and 2023

Análisis del perfil epidemiológico de mujeres sometidas a histerectomía para tratamiento de lesiones del cuello uterino en el Estado del Maranhão entre 2018 y 2023

Marjana Pinheiro Bulhão<sup>1</sup>, Êmilly Araújo Costa Lucena<sup>1</sup>, Mariana Barreto Serra<sup>1</sup>.

### RESUMO

**Objetivo:** Analisar o perfil epidemiológico das mulheres submetidas à histerectomia para tratamento de lesões do colo uterino no Maranhão entre 2018 e 2023. **Métodos:** Trata-se de um estudo observacional, transversal e retrospectivo pautado na análise de dados do Sistema de Informação do Câncer (SISCAN). As informações coletadas foram organizadas pelo software Microsoft Office Excel®. **Resultados:** Foram registradas 933 cirurgias para tratamento de lesões cervicais no estado entre 2018 e 2023. O maior quantitativo ocorreu em 2019 com 190 (20,36%) procedimentos, prevalecendo a faixa etária entre 40 e 44 anos com 149 (15,96%) histerectomias. A raça amarela obteve o maior montante com 472 (50,59%) procedimentos. Quanto às alterações colposcópicas, 373 (39,98%) lesões abordadas eram sugestivas de lesões de alto grau. As lesões com diferenciação moderada foram as mais prevalentes com 202 (21,65%) registros. O tipo histopatológico mais frequente foi a cervicite crônica inespecífica com 396 casos, seguida da neoplasia intraepitelial cervical (NIC) grau III, com 195 ocorrências. **Conclusão:** Constata-se que há maior prevalência de pacientes da raça amarela com idade entre 40 e 44 anos submetidas à histerectomia para terapêutica de lesões cervicais. A maior parte das cirurgias abordou cervicites crônicas e NIC III, com menor incidência de neoplasias malignas.

**Palavras-chave:** Ginecologia, Histerectomia, Saúde da mulher.

### ABSTRACT

**Objective:** To analyze the epidemiological profile of women who underwent hysterectomy to treat cervical lesions in Maranhão between 2018 and 2023. **Methods:** This is an observational, cross-sectional and retrospective study based on data analysis from the Cancer Information System (SISCAN). The information collected was organized using Microsoft Office Excel® software. **Results:** 933 surgeries were recorded to treat cervical injuries in the state between 2018 and 2023. The largest number occurred in 2019 with 190 (20.36%) procedures, with the age group between 40 - 44 years old prevailing with 149 (15.96%) hysterectomies. The yellow race obtained the highest amount with 472 (50.59%) procedures. Regarding colposcopic changes, 373 (39.98%) lesions addressed were suggestive of high-grade lesions. Lesions with moderate differentiation were the most prevalent with 202 (21.65%) records. The most common histopathological type was chronic nonspecific cervicitis with 396 cases, followed by cervical intraepithelial neoplasia (CIN) grade III, with 195 occurrences. **Conclusion:** There is a higher prevalence of yellow skin-colored patients aged between 40 - 44 years undergoing hysterectomy to treat cervical injuries. Most surgeries addressed chronic cervicitis and CIN III, with a lower incidence of malignant neoplasms.

**Keywords:** Gynecology, Hysterectomy, Women's health.

### RESUMEN

**Objetivo:** Analizar el perfil epidemiológico de mujeres sometidas a histerectomía para tratamiento de lesiones cervicales en Maranhão entre 2018 y 2023. **Métodos:** Se trata de un estudio observacional, transversal y

<sup>1</sup> Afya Faculdade de Ciências Médicas de Santa Inês (AFYA SANTA INÊS), Santa Inês - MA.

retrospectivo baseado en el análisis de datos del Sistema de Información sobre Cáncer (SISCAN). Las informaciones colectadas fueron organizadas por el software Microsoft Office Excel®. **Resultados:** Se registraron 933 cirugías para tratar lesiones cervicales en la región entre 2018 y 2023. Un mayor cuantitativo ocurrió en 2019 con 190 (20,36%) procedimientos, prevaleciendo el grupo etario entre 40 y 44 años con 149 (15,96%) hysterectomías y la raza amarilla con 472 (50,59%) casos. En cuanto a los hallazgos colposcópicos, 373 (39,98%) lesiones abordadas fueron sugestivas de lesiones de alto grado. Las lesiones con diferenciación moderada fueron las más prevalentes con 202 (21,65%) registros. El tipo histopatológico más común fue la cervicitis crónica inespecífica con 396 casos, seguida de la neoplasia intraepitelial cervical (NIC) III, con 195 ocurrencias. **Conclusión:** Se observó una mayor prevalencia de mujeres de la raza amarilla con edades entre 40 y 44 años sometidas a hysterectomía para tratar lesiones cervicales. La mayoría de las cirugías abordaron cervicitis crónica y NIC III, con una menor incidencia de neoplasias malignas.

**Palabras clave:** Ginecología, Histerectomía, Salud de la mujer.

## INTRODUÇÃO

A histerectomia é um procedimento cirúrgico por meio do qual ocorre a retirada do útero. Essa técnica é classificada de acordo com a porção anatômica removida em subtotal, quando o colo uterino é preservado, em total, quando todo o órgão é removido, e em radical, quando o corpo, o colo do útero, as tubas uterinas, os ovários e a porção superior da vagina são extraídos. Além disso, há diferentes opções de vias cirúrgicas para a realização desse procedimento: via abdominal, vaginal, laparoscópica ou robótica, sendo a escolha da abordagem adequada definida com base nas características clínicas da paciente em questão (BIANCHINI AFM, 2018; PIOTTO KL, et al., 2022).

A técnica de remoção uterina é a segunda cirurgia mais frequente na população feminina, sendo o seu quantitativo ultrapassado somente pela cesariana. Estudos apontam que a histerectomia poderá ser realizada por aproximadamente 20% a 30% das mulheres até os seus 60 anos de idade (MESQUITA YCS, et al., 2021). Nos Estados Unidos seu emprego é bastante comum, uma vez que são realizados quase 600 mil procedimentos por ano no país e, aproximadamente, 30% das mulheres na faixa etária de 60 anos já realizaram a histerectomia (RODRIGUES RC, 2021). Conforme dados do Sistema de Informações Hospitalares do Sistema Único de Saúde (SIH, 2024), no Brasil foram realizadas 620.888 histerectomias entre os anos de 2018 e 2023, sendo a região nordeste a responsável pela maioria desses procedimentos com um total de 248.231 cirurgias. No que se refere ao âmbito estadual, nesse mesmo período, o Maranhão somou 43.299 histerectomias, ocupando o quarto lugar no país com maior taxa bruta de intervenções realizadas.

Diversas patologias podem ser indicações para a remoção do útero, devendo o médico avaliar os possíveis benefícios e complicações da cirurgia para a vida da paciente, assim como a possibilidade de utilização de métodos alternativos para o tratamento. A histerectomia geralmente é indicada quando a terapia medicamentosa não foi suficiente para reverter o quadro clínico da paciente, sendo realizada, principalmente, para o tratamento de doenças benignas, em particular o mioma uterino, o qual representa a etiologia de 80% das intervenções cirúrgicas. Outras indicações incluem o manejo de neoplasias malignas do útero, prolapso uterino, adenomiose, endometriose, sangramento uterino anormal, dor pélvica crônica e aumento do volume uterino (AUGUSTO CF, et al., 2021; BARBOSA JSR e ROSSI LMT, 2022).

Dados do Observatório Global do Câncer da Organização Mundial da Saúde (OMS) detalham que, no ano de 2022, o câncer de colo de útero foi o quinto tipo mais incidente em todo o mundo, com uma taxa de 16,9 casos a cada 100 mil habitantes. Além disso, foi também o sexto em termos de mortalidade, registrando uma taxa bruta de 8,9 mortes a cada 100 mil habitantes (OMS, 2022). De acordo com o Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (INCA, 2022), o câncer de colo de útero é o terceiro tipo de malignidade com maior incidência em mulheres no Brasil, excluindo o câncer de pele não melanoma. Estima-se que para o triênio 2023-2025 haverá 17.010 casos novos por ano, resultando em uma de incidência de 15,38 casos de câncer a cada 100 mil mulheres.

O estado do Maranhão ocupa o primeiro lugar na região Nordeste do país com a maior taxa de casos de câncer cervical, possuindo 21,13 registros para cada 100 mil mulheres. Em nível nacional, o Maranhão ocupa a terceira colocação, ficando atrás apenas dos estados do Amazonas e Amapá. O exame citopatológico,

popularmente conhecido com Papanicolau ou preventivo, é essencial para o rastreio e diagnóstico do câncer de colo de útero e de suas lesões precursoras. Conforme o Ministério da Saúde, o exame deve ser realizado anualmente em mulheres de 25 a 64 anos com vida sexual ativa, e, após dois resultados negativos consecutivos, deverá ser repetido a cada 3 anos (BRASIL, 2016).

Realizar o rastreamento precoce do câncer cervical é fundamental para prevenir cirurgias irreversíveis executadas sem necessidade, que podem impactar significativamente na rotina e na qualidade de vida da mulher. Nesse caso, a histerectomia é, preferencialmente, reservada a estágios avançados do câncer do colo uterino ou quando outros tratamentos menos invasivos não alcançaram o sucesso esperado. Além disso, é um método eficaz para a cura da doença e prevenção de neoplasia invasiva, o que contribui para a sobrevivência das pacientes (GRASSO JUNIOR E, et al., 2021). A pesquisa contribuirá para nortear a prática clínica dos profissionais médicos e para definir estratégias de promoção da saúde coerentes com os aspectos epidemiológicos do estado. Diante desse cenário, o presente estudo objetivou investigar o perfil epidemiológico das mulheres submetidas à histerectomia para o tratamento de atipias celulares do colo do útero no Maranhão.

## MÉTODOS

Trata-se de um estudo transversal, observacional, retrospectivo, quantitativo e analítico, desenvolvido através de informações colhidas do Sistema de Informação do Câncer (SISCAN) do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde do Brasil (DATASUS). O estudo foi realizado no Maranhão compreendendo os anos de 2018 a 2023. O estado em questão está localizado na região Nordeste do país, abrigando aproximadamente 6.776.699 habitantes em uma área territorial de 329.651,496 km<sup>2</sup>, cujo índice de desenvolvimento humano (IDH) de 0,676 é considerado o pior do Brasil (IBGE, 2022; IBGE, 2021).

Os dados correspondem aos aspectos epidemiológicos das histerectomias realizadas como tratamento cirúrgico de lesões do colo do útero no estado do Maranhão e registradas no SISCAN no período entre 2018 e 2023. Esse sistema comporta dados referentes ao rastreamento e diagnóstico das neoplasias de colo do útero e de mama no Brasil, incluindo também medidas de tratamento empregadas na conduta das pacientes (BRASIL, 2021). Coletou-se informações a respeito do quantitativo de histerectomias realizadas no estado associadas ou não ao tratamento de lesões neoplásicas cervicais, da distribuição por ano, faixa etária, raça ou cor, da incidência por município, assim como quanto ao tipo histológico das lesões, ao grau de diferenciação e quanto às margens cirúrgicas.

Os critérios de seleção abrangeram todos os registros sobre histerectomias conduzidas como parte do tratamento de lesões cervicais do SISCAN entre 2018 e 2023 no estado do Maranhão, especialmente dos municípios de São Luís e Imperatriz, que correspondem aos únicos da federação com registros presentes no referido sistema de informação. O período do estudo se justifica em razão da ausência de informações anteriores ao ano de 2018 no sistema utilizado.

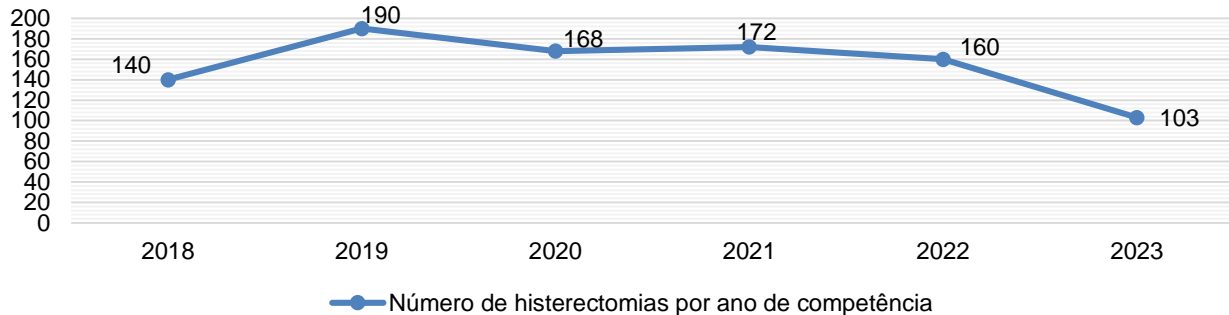
Os resultados obtidos foram organizados em gráficos e tabelas por meio de planilhas eletrônicas do software Microsoft Office Excel® na versão 2016, onde puderam ser analisados e distribuídos quanto às suas frequências absoluta e relativa. O presente estudo foi realizado de acordo com as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos estabelecidas na Resolução 466/12, do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde, uma vez que admite a importância de assegurar os critérios éticos e legais inerentes à produção científica.

## RESULTADOS

No Estado do Maranhão foram realizadas 43.234 histerectomias no período de 2018 a 2023. Desse total, 933 foram realizadas para tratamento de lesões do colo do útero, sendo 896 histerectomias totais, as quais compreendem a remoção completa do órgão feminino. Outros procedimentos executados no mesmo período para o manejo do câncer de colo de útero e outras lesões cervicais foram 4.176 biópsias, 183 conizações e 45 exéreses da zona de transformação. O ano de 2019 obteve o maior número de cirurgias, totalizando 190

(20,36%) procedimentos realizados no Maranhão. Já 2023 foi o ano com menor quantitativo, somando 103 (11,03%) registros (**Gráfico 1**). Notou-se, ainda, a falta de registros anteriores ao ano de 2018 no SISCAN.

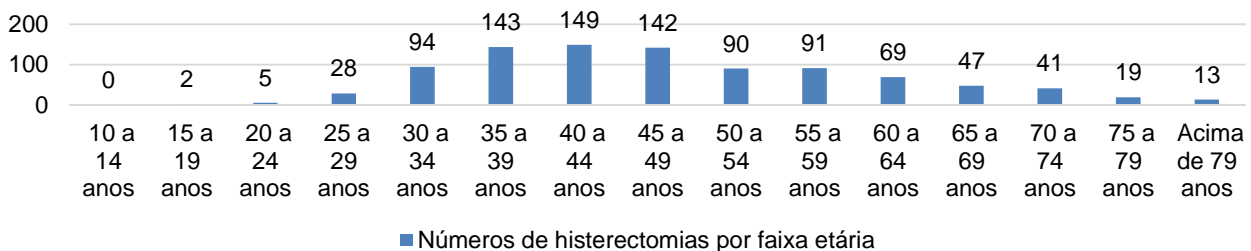
**Gráfico 1** – Números de hysterectomias por ano de competência registrados no SISCAN no estado do Maranhão, entre 2018 e 2023.



**Fonte:** Bulhão MP, et al., 2025; dados extraídos do Sistema de Informações de Câncer (SISCAN).

A faixa etária com a maior prevalência foi entre 40 e 44 anos, totalizando 149 (15,96%) hysterectomias, seguida da idade entre 35 e 39 anos com 143 (15,32%) e 45 a 49 anos com 142 (15,21%) procedimentos. Em contrapartida, na faixa etária de 10 a 14 anos nenhuma cirurgia para tratamento de lesões cervicais foi registrada. As menores prevalências ocorreram em mulheres com idade entre 15 e 19 anos com 2 (0,21%) procedimentos e entre 20 e 24 anos com 5 cirurgias (0,53%) (**Gráfico 2**).

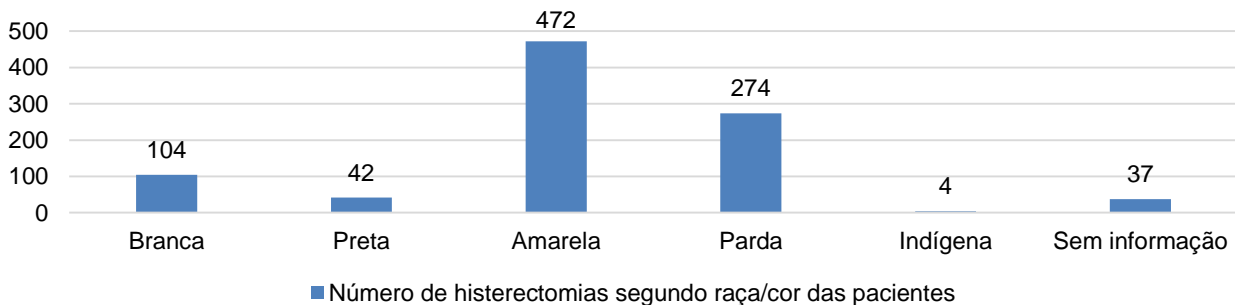
**Gráfico 2** – Números de hysterectomias por faixa etária registrados no SISCAN no estado do Maranhão, entre 2018 e 2023.



**Fonte:** Bulhão MP, et al., 2025; dados extraídos do Sistema de Informações de Câncer (SISCAN).

Em relação à raça ou cor, o maior quantitativo de cirurgias foi realizado em mulheres amarelas, totalizando 472 (50,59%) hysterectomias, seguido pela raça parda com 274 (29,37%) procedimentos. Em último lugar, encontra-se a população de mulheres indígenas com apenas 4 (0,43%) cirurgias executadas (**Gráfico 3**).

**Gráfico 3** – Números de hysterectomias segundo a raça/cor registrados no SISCAN no estado do Maranhão, entre 2018 e 2023.



**Fonte:** Bulhão MP, et al., 2025; dados extraídos do Sistema de Informações de Câncer (SISCAN).

Somente 3 municípios do Maranhão registraram os dados sobre patologias do colo uterino no SISCAN no período de 2018 a 2023, sendo eles São Luís, Imperatriz e Timon. Dentre as 933 hysterectomias realizadas



para tratamento de lesões do colo do útero no estado, 649 (69,56%) ocorreram em São Luís, capital do estado, correspondendo ao município com maior quantitativo de procedimentos executados. Já Imperatriz, a segunda maior cidade do estado em termos populacionais, ficou em segundo lugar com 284 (30,43%) cirurgias. Não houve registros de realização de histerectomia para o manejo de patologias cervicais em Timon (**Tabela 1**).

**Tabela 1** – Números de histerectomias segundo município do prestador de serviço registrados no SISCAN no estado do Maranhão, entre 2018 e 2023.

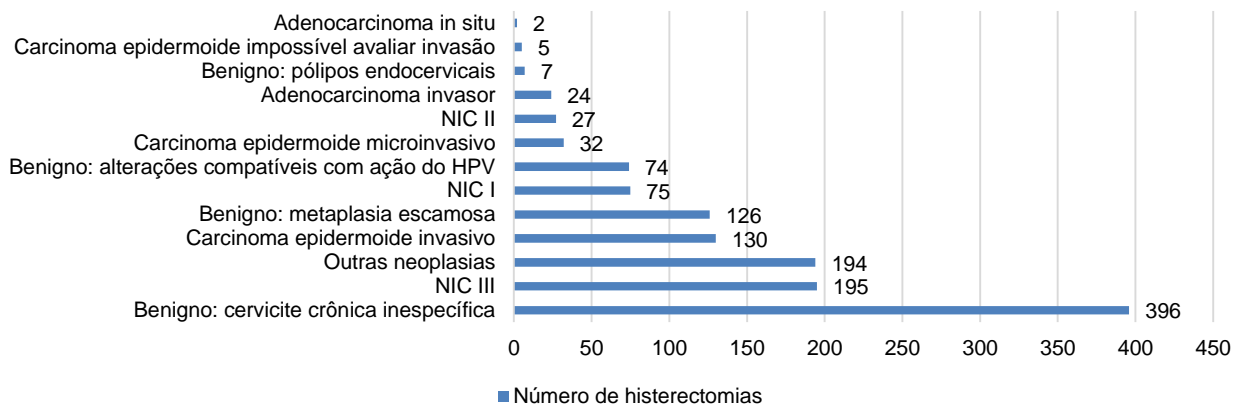
Município do prestador de serviço	2018	2019	2020	2021	2022	2023	Total
São Luís	72	124	107	118	125	103	649
Imperatriz	68	69	61	54	35	103	284
Total	140	190	168	172	160	103	933

**Fonte:** Bulhão MP, et al., 2025; dados extraídos do Sistema de Informações de Câncer (SISCAN).

Entre as 933 pacientes submetidas à histerectomia devido a lesões do colo uterino, 125 (13,39%) foram encaminhadas com resultado normal no exame citopatológico ou com achados benignos, 462 (49,51%) não realizaram o exame, mas possuíam lesões sugestivas de câncer, e 346 (37,08%) foram encaminhadas para a cirurgia com resultado do exame citopatológico alterado. Em relação aos resultados obtidos através da colposcopia, observou-se que 176 (18,86%) histerectomias foram realizadas em pacientes com achados colposcópicos normais, 256 (27,44%) apresentavam alterações menores sugestivas de lesão de baixo grau ou grau I, 373 (39,98%) possuíam alterações maiores sugestivas de lesões de alto grau ou grau II, 112 (12,00%) eram sugestivas de câncer e 16 (1,71%) variadas, enquadrando-se como condiloma, pólipos, inflamação, anomalia congênita, estenose, seqüela pós-tratamento e endometriose.

O exame histopatológico revelou presença tanto de lesões escamosas como glandulares. Dentre as lesões benignas que motivaram a cirurgia, notou-se 126 metaplasias escamosas, 7 pólipos benignos endocervicais, 396 cervicites crônicas inespecíficas, 74 alterações citoarquiteturais compatíveis com ação do papilomavírus humano (HPV) (**Gráfico 4**). Dentre as lesões de caráter neoplásico ou pré-neoplásico, 75 cirurgias foram empregadas no manejo de neoplasias intraepiteliais cervicais (NIC) I, também consideradas como displasia leve, 27 em lesões NIC II ou displasia moderada, 195 registros apontavam existência de NIC III, com características de displasia acentuada ou carcinoma in situ, 32 cirurgias para o tratamento de carcinomas epidermóides microinvasivos, 130 para carcinomas epidermóides invasivos, 5 para carcinomas epidermóides em que não se pode avaliar a presença de invasão, 2 adenocarcinomas in situ e 24 adenocarcinomas invasores. Ademais, 194 procedimentos foram realizados em lesões com características para outras neoplasias malignas (**Gráfico 4**).

**Gráfico 4** – Números de histerectomias registrados no SISCAN realizadas segundo o tipo histológico de lesão no estado do Maranhão, entre 2018 e 2023.



**Fonte:** Bulhão MP, et al., 2025; dados extraídos do Sistema de Informações de Câncer (SISCAN).

Quanto ao grau de diferenciação das lesões, 52 (5,57%) eram bem diferenciadas, 202 (21,65%) possuíam diferenciação moderada, 37 (3,97%) foram categorizadas como pouco diferenciadas e 6 (0,64%) como indiferenciadas. As demais lesões foram ignoradas ou não se aplicavam quanto ao grau de diferenciação (68,17%). A maioria das histerectomias realizadas no estado possuíam margens cirúrgicas livres, sendo 528 (56,59%) registros, 57 (6,11%) possuíam margens comprometidas e em 348 (37,30%) cirurgias as margens eram impossíveis de serem avaliadas.

## DISCUSSÃO

Conforme o Projeto de Avaliação do Desempenho do Sistema de Saúde (PROADESS) da Fundação Oswaldo Cruz (2021), a taxa bruta de histerectomias no Brasil foi de 78,9 cirurgias por 100 mil habitantes do sexo feminino com 20 anos ou mais em 2021. Considerando esse mesmo indicador e ano, o Nordeste configura como a região do país com a maior taxa bruta por habitantes, com 124,6. No que se refere ao Estado do Maranhão, ele figura em primeiro lugar no ranking nacional, com 237,5 procedimentos. Em relação ao número absoluto de histerectomias realizadas para tratamento de atipias do colo do útero no território maranhense, o presente estudo evidenciou que foram executadas 933 cirurgias entre 2018 e 2023, sendo 190 (20,36%) procedimentos somente em 2019, o qual corresponde ao ano com maior quantitativo do período em estudo (**Gráfico 1**).

A capital do Maranhão, São Luís, registrou a maior frequência absoluta de histerectomias devido a neoplasias cervicais no Estado com 649 (69,56%) procedimentos, seguida pelo município de Imperatriz com 284 (30,43%) cirurgias realizadas (**Tabela 1**). De acordo com dados do Censo de 2022 do IBGE, São Luís e Imperatriz são as cidades com maior número populacional, o que contribui para que estejam entre os municípios com maior quantitativo de cirurgias.

Em adição, é importante destacar que o Maranhão apresenta 217 municípios segundo o IBGE. No entanto, apenas 3 cidades do estado vincularam informações ao SISCAN a respeito do quantitativo de cirurgias ginecológicas indicadas como terapêutica de lesões neoplásicas do colo do útero no intervalo de 2018 a 2023. Desse modo, além dos municípios citados anteriormente, apenas Timon forneceu dados sobre esses procedimentos ginecológicos, os quais evidenciaram que não foram realizadas cirurgias de remoção uterina no município no período em análise.

A discrepância entre o total de municípios e as informações encontradas no SISCAN evidencia que o cenário maranhense segue o mesmo padrão do contexto brasileiro no que se refere à falha no fornecimento de dados relativos aos procedimentos cirúrgicos associados às lesões cervicais. Diante disso, é relevante destacar que a vinculação de informações aos sistemas é imprescindível para a elaboração de indicadores epidemiológicos sobre a assistência à saúde no país. Sendo assim, a subnotificação desses dados oculta o real cenário da saúde pública no estado.

A análise da frequência absoluta de histerectomias realizadas por ano no estado evidenciou que houve uma redução de 11,57% no total de cirurgias ocorridas em 2020, primeiro ano de pandemia do COVID-19, em comparação ao ano anterior. Evidencia-se, ainda, uma tendência de queda progressiva nos registros desse método terapêutico a partir do período pandêmico, com exceção de leve aumento (2,38%) apenas em 2021 como exposto no gráfico 1. Já em 2023 houve a maior redução (35,62%) em relação ao ano anterior, apresentando o menor quantitativo com 103 (11,03%) registros.

O referido cenário de queda nos índices de execução dessa modalidade de cirurgia ginecológica corrobora com a afirmativa de que a pandemia da COVID-19 contribuiu para a redução no padrão de assistência às pacientes com atipias do colo uterino em virtude do potencial risco de infecção pelo SARS-CoV-2. Tais resultados estão em consonância com outros estudos científicos, assim como revela Kapsner LA, et al. (2021) cujos dados evidenciaram redução de 78,8% no número de hospitalizações em decorrência de histerectomias devido a neoplasias benignas durante o contexto pandêmico ocasionado pela COVID-19.

O levantamento dos dados revelou uma lacuna expressiva de informações relativas à realização de histerectomias no Brasil relacionadas ou não ao tratamento de lesões do colo do útero. Prova disso, é a

ausência de maior detalhamento sobre parâmetros como: o tipo de cirurgia, as vias cirúrgicas adotadas e as complicações associadas. É importante ressaltar que dados anteriores ao ano de 2018 não foram notificados no principal sistema de informação voltado ao câncer de colo uterino, apesar do SISCAN ter sido instituído pela portaria nº 3394/GM/MS em de 30 de setembro de 2013. Em virtude desse fato, o presente estudo necessitou delimitar o período dos dados analisados entre 2018 e 2023. Tal cenário aponta a necessidade de identificar os entraves existentes no processo de notificação e, a partir disso, definir estratégias de aprimoramento, uma vez que essas informações possibilitam a formulação de indicadores de saúde, os quais são essenciais para nortear a criação de políticas públicas.

No que se refere à faixa etária, o presente estudo revelou que a maior prevalência de histerectomias realizadas em virtude de patologias cervicais ocorreu em mulheres com idade entre 40 e 44 anos com 149 (15,96%) procedimentos executados entre 2018 e 2023 no Maranhão. Em seguida, têm-se a faixa etária de 35 a 39 anos com 143 (15,32%) cirurgias, correspondendo à segunda maior prevalência no estado (**Gráfico 2**). Nessa situação, pode-se afirmar que os resultados estão em consonância com o cenário nacional, tendo em vista que a idade média de mulheres submetidas a histerectomias, no Brasil, é de 43,3 anos. Desse modo, fica exposto que um número expressivo de pacientes realiza o referido procedimento no final do período reprodutivo no país (RIBEIRO MOS, 2018).

Em relação a raça ou cor, dados fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022) sobre a população do Maranhão no último censo, realizado em 2022, indicam que o Estado possuía 6.776.699 habitantes, destes, a autodeclaração racial revelou que a maioria da população se identifica como parda (66,4%), seguida por branca (20,1%), preta (12,6%) e indígena (0,8%). A parcela que se autodeclarou como pertencente à raça ou cor amarela representou apenas 0,09% do total. Apesar da predominância da autodeclaração racial parda no estado do Maranhão, uma discrepância significativa foi observada entre os dados demográficos e os registros do SISCAN, em que mais da metade das cirurgias de remoção de útero foram realizadas em mulheres da raça amarela.

Essa dicotomia se justifica pelo impacto do racismo estrutural no padrão de acesso aos serviços ofertados pelo Sistema Único de Saúde (SUS), assim como aborda Lessa MSA, et al. (2022), o qual considera que, em sociedades desiguais, o racismo é um fator estruturante e origina a desigualdade de acesso à saúde pública pela população feminina negra frente às mulheres brancas. Ademais, menores índices foram observados entre a população indígena, embora haja um número expressivo de indígenas no estado (**Gráfico 3**). Essa disparidade merece uma investigação aprofundada para compreender suas causas subjacentes e implementar medidas corretivas que promovam a igualdade de acesso aos serviços de saúde para todos os cidadãos independentemente de sua raça ou etnia.

O exame citopatológico se mostrou alterado em 37,08% das pacientes encaminhadas para histerectomia. Conforme a Pesquisa Nacional de Saúde (2019), a cobertura do exame preventivo é reduzida em mulheres com menores índices de alfabetização e em condições socioeconômicas baixas. Nas regiões Norte, Centro-Oeste e Nordeste, a abrangência do exame citopatológico é abaixo da média nacional (IBGE, 2021). Apesar de amplamente oferecido pelo sistema público de saúde, ainda persistem barreiras assistenciais para uma maior adesão das mulheres ao exame, o que de outro modo poderia contribuir para a diminuição do número dos casos de câncer, além da redução das taxas de procedimentos cirúrgicos desnecessários.

Conforme dados do exame histopatológico, a maioria das histerectomias foram realizadas em mulheres com achados indicativos de cervicite crônica inespecífica (**Gráfico 4**). Nesse contexto, não existe um tratamento padronizado, sendo a conduta individualizada segundo as características clínicas da paciente. Em última instância, recomenda-se a terapia ablativa (LA TABLA VOD e GUTIÉRREZ F, 2019). As técnicas de ablação, tais como termoablação, crioterapia e laser de dióxido de carbono, são procedimentos ambulatoriais de baixo custo empregados para o tratamento de lesões cervicais, possuindo altos índices de sucesso (PASSOS EP, et al., 2022).

Um número expressivo de cirurgias também teve como foco o manejo de lesões NIC III (**Gráfico 4**). Na década de 1970, a histerectomia era uma recomendação comum para o tratamento dessas lesões. Atualmente, a cirurgia se reserva a casos especiais, sendo inaceitável a sua prática rotineira para mulheres

com NIC III. Técnicas de excisão da zona de transformação (EZT) estão sendo cada vez mais utilizadas nessas pacientes, substituindo, inclusive, a conização com lâmina fria, onde apenas o colo uterino é removido (PRIMO WQSP, et al., 2022).

Por conseguinte, ressalta-se a importância de promover incentivos públicos para o aprimoramento da assistência à saúde com base na transição de abordagens terapêuticas mais radicais para métodos menos invasivos. Isso não visa apenas a minimização de complicações, mas também assegura uma melhor qualidade de vida para as pacientes e a redução dos potenciais impactos na fertilidade de mulheres jovens.

## CONCLUSÃO

A análise dos dados obtidos do SISCAN no período entre 2018 e 2023 evidenciou redução no padrão de execução da histerectomia a partir da pandemia da COVID-19 no Maranhão, com exceção do ano de 2021. Há uma lacuna significativa no processo de vinculação de informações referentes à referida cirurgia nos sistemas de saúde no Brasil, independente se a indicação clínica é em virtude de lesões do colo do útero ou não. O déficit dessas informações é ainda mais expressivo no cenário maranhense, o que aponta a necessidade de identificar falhas e definir estratégias de qualificação. Apesar disso, constatou-se que o perfil epidemiológico das pacientes submetidas à histerectomia para tratamento de lesões do colo uterino no estado envolve mulheres da raça amarela com idade entre 40 e 44 anos, sendo a maioria das cirurgias executadas para o manejo de cervicite crônica inespecífica e NIC III.

## REFERÊNCIAS

1. AUGUSTO CF, et al. Epidemiological analysis of hysterectomies performed at the public health system in the largest Brazilian city. *Revista da Associação Médica Brasileira*, 2021; 67(7): 937-941.
2. BARBOSA JSR, ROSSI LMT. Estudo epidemiológico comparativo entre a histerectomia videolaparoscópica versus vaginal. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, 2022; 8(11): 2014-2022.
3. BIANCHINI AMR. Perfil epidemiológico de pacientes submetidas à histerectomia videolaparoscópica em uma instituição do sul de Santa Catarina. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Medicina) - Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2018; 26.
4. BRASIL. Procedimentos hospitalares do SUS. 2024. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?sih/cnv/qiuf.def>. Acessado em: 15 de março de 2024.
5. BRASIL. Diretrizes brasileiras para o rastreamento do câncer do colo do útero. 2016. Disponível em: <https://www.inca.gov.br/publicacoes/livros/diretrizes-brasileiras-para-o-rastreamento-do-cancer-do-colo-do-uterio>. Acessado em: 5 de abril de 2024.
6. BRASIL. Sistema de informação do câncer (Siscan): módulo 1: apresentação, controle de acesso, fluxo de informação, integração com outros sistemas, vinculação. 2021. Disponível em: <https://www.inca.gov.br/publicacoes/manuais/manual-do-sistema-de-informacao-do-cancer-siscan-modulos-1-2-3-e-4>. Acessado em: 5 de abril de 2024.
7. BRASIL. Portaria nº 3394, de 30 de dezembro de 2013. Disponível em: <https://www.inca.gov.br/publicacoes/legislacao/ms-gm-portaria-3394-30-dez-2013>. Acessado em: 28 de março de 2024.
8. FIOCRUZ. FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Projeto de Avaliação do Desempenho do Sistema de Saúde. Disponível em: <https://www.proadess.icict.fiocruz.br/index.php?pag=fic&cod=G01&tab=1>. Acessado em: 31 de março de 2023.
9. GRASSO JUNIOR E, et al. Indication of hysterectomy in patients affected with cervical cancer. *Research, Society and Development*, 2021; 10(16): 478101624128.
10. IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Cidades e estados. 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ma.html>. Acessado em: 23 de março de 2024.
11. IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Panorama Censo 2022. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acessado em: 23 de março de 2024.
12. IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa Nacional de Saúde 2019: ciclos de vida: Brasil. 2021. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101846>. Acessado em: 04 de abril de 2024.
13. INCA. INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA. Estimativa 2023: incidência do Câncer no Brasil. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/inca/pt-br/assuntos/cancer/numeros/estimativa>. Acessado em: 10 de março de 2024.



14. KAPSNER LA, et al. Reduced rate of inpatient hospital admissions in 18 German university hospitals during the COVID-19 Lockdown. *Frontiers in Public Health*, 2021; 8: 1018.
15. LA TABLA VO e GUTIÉRREZ F. Cervicitis: etiología, diagnóstico y tratamiento. *Enfermedades Infecciosas y Microbiología Clínica*, 2019; 37(10): 661-667.
16. LESSA MSA, et al. Pré-natal da mulher brasileira: desigualdades raciais e suas implicações para o cuidado. *Ciência & Saúde Coletiva*, 2022; 27(10): 3881-3890.
17. MESQUITA YCS, et al. Perfil epidemiológico dos casos de histerectomia em um Hospital Universitário Terciário. *Medicina (Ribeirão Preto)*, 2021; 54(1): 174293.
18. OMS. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Observatório Global do Câncer. 2022. Disponível em: <https://gco.iarc.fr/en>. Acessado em: 23 de março de 2024.
19. PASSOS EP, et al. Rotinas em ginecologia. Porto Alegre: Artmed, 2023; 8: 726.
20. PIOTTO KL, et al. Epidemiologia e fatores associados à histerectomia em um grupo de mulheres. *Research, Society and Development*, 2022; 11(7): 1-8.
21. PRIMO WQSP, et al. Ginecologia oncológica: diagnóstico e tratamento. Barueri: Editora Manole, 2022; 1: 310.
22. RIBEIRO MOS. Desvelando o ser mulher que vivencia o pré-operatório de histerectomia: contribuições para o cuidado em saúde. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018; 83.
23. RODRIGUES RC. Qualidade de vida de mulheres submetidas a histerectomia total laparoscópica convencional e roboticamente: revisão sistemática de ensaios clínicos randomizados. Dissertação (Mestrado em Medicina) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Botucatu, 2021; 43.